

Disposição geográfico-institucional dos pesquisadores folkcomunicacionais no Brasil: perfil da produção científica de 15 anos da Conferência Brasileira de Folkcomunicação

*Kevin Willian Kossar Furtado*¹

*Sérgio Luiz Gadini*²

*Karina Janz Woitowicz*³

RESUMO

A investigação aqui apresentada forma a pesquisa 'A Folkcomunicação e a produção bibliográfica contemporânea sobre mídia e cultura popular: levantamento e retrato das 15 primeiras edições da *Conferência Brasileira de Folkcomunicação*', que identifica as principais contribuições dos estudos folkcomunicacionais no Brasil, a partir das produções científicas apresentadas em 15 edições do evento (1998 a 2012) e realiza um levantamento de identificação conceitual, metodológica, empírica e autoral do mesmo. O artigo apresenta a titulação dos autores, a origem autoral (Estado e Região do País) e instituição de ensino superior a qual o(a) pesquisador(a) estava vinculado no momento da produção para a Conferência. A pesquisa conferiu 540 *papers*. O estudo traz um panorama atualizado de 15 anos da Folkcomunicação no Brasil.

ABSTRACT

The research presented here form the search 'The Folkcommunication and contemporary bibliographic production on media and popular culture: survey and picture of the first 15 editions of the Brazilian Conference of Folkcommunication', which identifies the major contributions of folkcomunicacionais studies in Brazil, from the scientific productions presented in 15 editions of the event (1998-2012) and performs a survey of conceptual identification, methodological, empirical and copyright of it. The article presents the authors' title, the authorial origin (state and region of the country) and the institution of higher education which researcher was linked at the time of production to the Conference. The search gave 540 papers. The study provides an updated overview of 15 years of Folkcommunication in Brazil.

1 Jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação (interdisciplinar) em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Editor gerente da Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo.

2 Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenador do Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

3 Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e jornalista pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora do Departamento de Jornalismo da UEPG. Editora da Revista Internacional de Folkcomunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Conferência Brasileira de Folkcomunicação; Estudos de Mídia e Cultura Popular; Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação.

KEYWORDS

Folkcommunication; Brazilian Conference of Folkcommunication; Studies on media and popular culture; Network for Studies and Research in Folkcommunication.

Introdução

Na compreensão da perspectiva conceitual do pernambucano Luiz Beltrão, especificamente no que tange aos diálogos culturais, necessita-se situar o surgimento da Folkcomunicação como investida interdisciplinar articulada entre as manifestações folclóricas que se apresentam como estratégias comunicacionais. Como um dos expoentes do ensino de Jornalismo no Brasil – e criador do Curso da Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, em 1961 –, Beltrão “analisava a comunicação popular como manifestação própria dentro de um determinado grupo cultural” (GOBBI, 2007, p. 16).

Segundo Beltrão, a Folkcomunicação compreende um “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore.” (1980, p. 24). A respectiva abordagem caminha na esteira de uma reflexão de Edson Carneiro, o qual assegurava que “sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo” (apud BELTRÃO, 1980, p. 24).

Isso porque, de acordo com Beltrão (1980, p. 26), a Folkcomunicação

preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório.

Marques de Melo explica que se o folclore

compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos capazes de difusão simbólica de expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural” [e complementa que] “esta era a compreensão original de Luiz Beltrão, que a entendia como processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas) (2007, p. 48, grifos do autor).

De tal modo, em 1998, um grupo de pensadores da área – que hoje formam a Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom) –, lança a *I Conferência Brasileira de Folkcomunicação*. A partir de então, anualmente – até 2013 -, o evento se realizou em diferentes locais do País, com sede itinerante. Em 2012, ocorreu a 15ª edição da Conferência – como importante marca histórico-simbólica.

Ao se considerar que até o esforço travado com a pesquisa ‘A Folkcomunicação e a produção bibliográfica contemporânea sobre mídia e cultura popular: levantamento e retrato das 15 primeiras edições da *Conferência Brasileira de Folkcomunicação*’ e seus desdobramentos em produções apresentadas em eventos e artigos publicados em periódicos, não haviam estudos sistematizados sobre o que foi produzido e apresentado ao longo desta trajetória. Assim, o levantamento realizado pela presente pesquisa – com base nos textos apresentados nos diversos grupos de trabalho mantidos ao longo das edições da Folkcom – contribuiu para a classificação do que já se produziu nos estudos da área ao longo da última década e meia.

Objetivos

O presente artigo integra uma pesquisa a respeito da Folkcomunicação e a produção bibliográfica contemporânea sobre mídia e cultura popular, com base na *Conferência Brasileira de Folkcomunicação*,⁴ que identificou as principais contribuições dos estudos

⁴ Os levantamentos empreendidos para a consecução da pesquisa foram realizados entre os anos de 2011 a 2013.

folkcomunicacionais, no campo da Comunicação no Brasil, a partir das produções apresentadas nas edições da Conferência; levantou a produção científica apresentada nas 15 primeiras edições do mencionado evento, com base nos textos (*papers*) apresentados nos Grupos de Trabalho (GT's⁵). Pode-se afirmar, seguramente, que o levantamento dos dados feito pela pesquisa sobre as produções das edições da Folkcom se constitui, até o momento, como um dos maiores já realizados na área.

Os estudos do projeto realizam um levantamento de identificação metodológica, empírica e autoral da referida produção científica; das principais referências e abordagens que, atualmente, dialogam com estudos folkcomunicacionais no Brasil; e se propõem a verificar possíveis impactos, pertinência e atualidade, da *Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, a partir de presença conceitual e de autores que publicam textos no referido evento. A análise dos dados gerou uma superação de expectativas com relação às possibilidades de estudos sobre os eixos norteadores do projeto de pesquisa, o que justifica os recortes feitos/desdobrados em vários *papers*.

Por considerar que a *Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, lançada em 1998, é o principal evento da área em nível nacional – e que aglutina as produções mais de maior peso da Folkcom no Brasil –, o mapeamento da pluralidade (com as devidas características e marcas autorais), mais do que um mero índice das edições da Folkcom, contribui para que os pesquisadores da área, em especial o grupo que atua em torno da *Rede Folkcom*, entidade responsável pelo planejamento e organização da Conferência, tenha conhecimento das principais referências que norteiam os estudos em Folkcomunicação no Brasil para, assim, (re)pensar as possibilidades de outros estudos científicos, enfoques e aportes que fortaleçam o caráter multidisciplinar da teoria; além de impulsionar reflexões (as quais espera-se ver em futuros estudos da área) sobre o que se tem produzido, no que se pode avançar, quais as lacunas e os enfoques lançados por Beltrão que têm sido deixado de fora, de qual fonte os pesquisadores do âmbito têm bebido e que legado fica para as futuras gerações de estudiosos folkcomunicacionais.

⁵ Ao longo das Conferências, os grupos de trabalho foram (re)nomeados de diferentes formas.

Considerações preliminares

O desafio de identificar os eventuais impactos da contribuição dos estudos folkcomunicacionais no campo da Comunicação no Brasil tem por pressuposto a compreensão das bases conceituais que norteiam a referida abordagem (Folkcomunicação). E, pois, a primeira etapa da pesquisa envolveu um estudo teórico e metodológico na produção dos principais autores do campo disciplinar, em especial nos textos de Luiz Beltrão. Em seguida, o trabalho voltou-se à identificação de fatores, variáveis e indicadores com vistas a revelar possíveis contribuições aos estudos folkcomunicacionais no Brasil, com base nas edições da Folkcom.

De acordo com os objetivos da investigação, todos os textos publicados – e disponíveis – nos anais das *Conferências Brasileiras de Folkcomunicação* de 1998 a 2012 foram levados em conta. Nesse sentido, das 15 Conferências conferidas, foi possível fazer a análise de 13⁶ edições do evento, que disponibilizaram anais, com um total de 540 artigos/ensaios.

Titulação, origem geográfica e institucional dos pesquisadores de 15 anos de Folkcom

Como processo metodológico, a pesquisa levantou nos *papers* variáveis que identificam a formação dos pesquisadores/escritores, os eixos temáticos/temas que norteiam as produções dos artigos/ensaios, a localização geográfica dos autores (País, Região, Estado, instituição de ensino), e as referências bibliográficas (levando em conta os autores bases dos estudos e as obras recorrentes) que orientam os trabalhos apresentados nas edições da Folkcom.

⁶ As Conferências de 2002 e 2008 não produziram anais. A pesquisa não localizou os anais da V Folkcom (2002) na forma de CD e tampouco os textos apresentados em GT's estão disponíveis na Internet. A XI Folkcom (2008) foi realizada como evento paralelo ao Congresso da INTERCOM. A referida edição foi conduzida apenas na forma de mesas, além de contar com lançamentos editoriais. Nela, não houve inscrição e tampouco apresentação de trabalhos. Assim, as edições da Folkcom de 2002 e 2008 não integram a presente pesquisa por absoluta inviabilidade de acesso ao material que teria sido apresentado, caso de 2002, no evento.

Para o presente texto, apresenta-se a titulação dos autores e a origem autoral (País, Região, Estado e instituição de ensino superior) de cada qual. A análise da titulação foi dividida em graduando/graduado⁷, especialista, mestre e doutor⁸. O resultado segue abaixo:

Titulação do autor ⁹	Número de textos com	Posição/Percentual
Graduando/graduado	478	1 (49,64%)
Doutor	219	2 (22,75%)
Mestre	217	3 (22,53%)
Especialista	49	4 (5,08%)
TOTAL	963	100%

QUADRO 1 – Titulação dos autores das edições da Folkcom de 1998 a 2012

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisas (CFP/UEPG), 2013.

Em relação à titulação dos autores, observa-se que quase metade dos trabalhos possui autoria de alunos de graduação e graduados. Este aspecto é revelador da presença dos estudos de Folkcomunicação nos cursos de graduação no País, através de grupos de pesquisa e iniciativas de investigadores da área. Pesquisadores com mestrado e doutorado respondem praticamente pela outra metade dos trabalhos apresentados nas Conferências.

Quando se trata da origem autoral, ao se pensar a Região do Brasil e o exterior, o cenário é o seguinte:

Origem autoral (Região/Exterior)	Número de produções	Posição/Percentual
Sudeste	258	1 (46,74%)
Nordeste	186	2 (33,69%)
Sul	63	3 (11,42%)
Centro-Oeste	19	4 (3,45%)
Norte	17	5 (3,07%)
Exterior	9	6 (1,63%)
TOTAL	552	100%

QUADRO 2 – Origem autoral (Região do Brasil e/ou exterior) dos autores das edições da Folkcom

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisas (CFP/UEPG), 2013.

⁷ A categoria compreende tanto os que cursavam a graduação como os já graduados por conta da dificuldade de identificação, nos *papers*, à qual das classificações se situava o autor.

⁸ Pós-doutores estão inclusos na mesma classificação.

⁹ O número de autores por texto varia. Portanto, e obviamente, todos eram considerados.

O Quadro 2 revela uma realidade já conhecida em outros campos de estudos no País: a relativa hegemonia de autores e autoras residem ou trabalham nos Estados do Sudeste (majoritariamente em São Paulo, embora também em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, totalizando 258 trabalhos apresentados nas 15 Conferências verificadas, com mais de 46% do total). É provável, também, que a hegemonia autoral do Sudeste se constate em função da presença de programas de pós-graduação, localizados principalmente em São Paulo (que reúne 28,53% de toda produção, conforme será visto adiante).

A presença de trabalhos com identificação regional a partir dos Estados do Nordeste (com 186 trabalhos, o equivalente a mais de 33% do total), por sua vez, sugere a força, influência e repercussões traçadas em torno da trajetória de Luiz Beltrão e dos estudos de cultura popular entre os pesquisadores que atuam em universidades de toda a Região.

Já os trabalhos autorais provenientes de IES da Região Sul fica um pouco abaixo, com 63 dos artigos/ensaios, ou 11% do total. Em seguida, com menor presença estatística, estão as Regiões Centro-Oeste e Norte, com cerca de 3% dos trabalhos provenientes de cada uma das duas localidades do País.

Na divisão da origem autoral, quando da relação do Estado do País e países do exterior, temos:

Origem autoral (Estado/Exterior)¹⁰	Número de produções	Posição/Percentual
São Paulo	157	1 (28,53%)
Minas Gerais	72	2 (13,09%)
Paraíba	53	3 (9,64%)
Pernambuco	50	4 (9,09%)
Bahia	31	5 (5,64%)
Paraná	31	5 (5,64%)
Rio Grande do Sul	27	7 (4,91%)
Rio de Janeiro	26	8 (4,72%)
Maranhão	17	9 (3,09%)
Piauí	12	10 (2,18%)
Mato Grosso do Sul	9	11 (1,65%)
Amazonas	8	12 (1,45%)
Ceará	6	13 (1,09%)

¹⁰ Em casos pontuais, de artigos de autoria conjunta, os pesquisadores eram de Regiões, ou Estados, ou IES diferentes. Por isso é que os números finais diferem em cada categoria de análise e em relação ao total de artigos pesquisados, 540.

Mato Grosso	5	14 (0,91%)
Rio Grande do Norte	5	14 (0,91%)
Santa Catarina	5	14 (0,91%)
Sergipe	5	14 (0,91%)
Tocantins	5	14 (0,91%)
Alagoas	4	19 (0,73%)
Distrito Federal	4	19 (0,73%)
Espírito Santo	4	19 (0,73%)
Pará	3	22 (0,55%)
Portugal	3	23 (0,55%)
Argentina	2	24 (0,36%)
Amapá	1	25 (0,18%)
Bolívia	1	25 (0,18%)
Espanha	1	25 (0,18%)
Goiás	1	25 (0,18%)
México	1	25 (0,18%)
Paraguai	1	30 (0,18%)
TOTAL	550	100%

QUADRO 3 – Origem autoral (Estado do Brasil e/ou exterior) dos autores das edições da Folkcom

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisas (CFP/UEPG), 2013.

Quando a identificação autoral mapeia os Estados de origem dos trabalhos o destaque aponta São Paulo com mais de 28% das apresentações, seguido por Minas Gerais (13,09%), Paraíba e Pernambuco (ambos com mais de 9%), além da Bahia e Paraná (ambos com 5,64%), seguido pelas demais unidades da Federação, onde os trabalhos indicam uma menor presença de localização concentrada, todos abaixo dos indicadores acima mencionados. Pela média, até 5% do total, equivale dizer que, em cada edição da Conferência, registrou-se a presença de dois autores/autoras com trabalhos provenientes de IES do respectivo Estado. Do total de trabalhos apresentados nas 15 edições da Rede avaliadas, ainda que alguns em menor frequência, o estudo confirma a presença de autores de instituições de quase todos os Estados do País.

No que tange a instituição de ensino superior ao qual vinculavam-se os autores no momento da pesquisa, observamos:

Instituição de ensino superior (IES) de vínculo dos autores no momento da pesquisa ¹¹	Número de produções	Posição/Percentual
Universidade Metodista de São Paulo/SP (UMESP)	61	1 (10,76%)
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG (UFJF)	49	2 (8,64%)
Universidade Federal da Paraíba/PB (UFPB)	38	3 (6,71%)
Universidade Federal Rural de Pernambuco/PE (UFRPE)	33	4 (5,82%)
Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (UEPG)	29	5 (5,29%)
Universidade de Taubaté/SP (UNITAU)	19	6 (3,35%)
Universidade Estadual de Santa Cruz/BA (UESC)	19	6 (3,35%)
Universidade de Mogi das Cruzes/SP (UMC)	17	8 (3%)
Universidade Federal do Maranhão/MA (UFMA)	15	9 (2,65%)
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/SP (UNESP)	14	10 (2,47%)
Faculdade de Filosofia de Campos/RJ (FAFIC) ¹²	12	11 (2,12%)
Universidade Estadual da Paraíba/PB (UEPB)	10	12 (1,77%)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/MS (UFMS)	9	13 (1,59%)
Universidade Federal de Pernambuco/PE (UFPE)	9	13 (1,59%)
Centro Universitário Univates/RS (UNIVATES)	8	15 (1,41%)
Universidade Presidente Antônio Carlos/MG (UNIPAC)	8	15 (1,41%)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS (UNISINOS)	7	17 (1,24%)
Faculdades Integradas Teresa D'Ávila/SP (FATEA)	6	18 (1,06%)
Universidade Federal do Piauí/PI (UFPI)	6	18 (1,06%)
Universidade Feevale/RS (FEEVALE)	6	18 (1,06%)
Centro Universitário Monte Serrat/SP (UNIMONTE)	5	21 (0,88%)
Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora/MG (FESJF)	5	21 (0,88%)
Universidade Braz Cubas/SP (UBC)	5	21 (0,88%)
Universidade do Vale do Paraíba/SP (UNIVAP)	5	21 (0,88%)
Universidade Federal de Santa Catarina/SC (UFSC)	5	21 (0,88%)
Universidade Federal do Amazonas/AM (UFAM)	5	21 (0,88%)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN (UFRN)	5	21 (0,88%)
Centro de Ensino Unificado de Teresina/PI (CEUT)	4	21 (0,71%)
Universidade de São Paulo/SP (USP)	4	21 (0,71%)
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/BA (UESB)	4	21 (0,71%)
Universidade Federal da Bahia/BA (UFBA)	4	21 (0,71%)

¹¹ Ao todo, 124 IES apresentaram trabalhos ao longo dos 15 anos de Conferência Folkcom investigados. Na lista, constam aquelas que participaram com, ao mínimo, três trabalhos, ao longo da história do evento.

¹² Chamada, agora, de Centro Universitário Fluminense/RJ (UNIFLU).

Universidade Federal de Campina Grande/PB (UFCG)	4	21 (0,71%)
Universidade Federal de Mato Grosso/MT (UFMT)	4	21 (0,71%)
Universidade Federal de Sergipe/SE (UFS)	4	21 (0,71%)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS (UFRGS)	4	21 (0,71%)
Centro Universitário Nove de Julho/SP (UNINOVE)	3	36 (0,53%)
Centro Universitário Plínio Leite/RJ (UNIPLI)	3	36 (0,53%)
Universidade Católica de Santos/SP (UNISANTOS)	3	36 (0,53%)
Universidade Cruzeiro do Sul/SP (UNICSUL)	3	36 (0,53%)
Universidade de Sorocaba/SP (UNISO)	3	36 (0,53%)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/RJ (UERJ)	3	36 (0,53%)
Universidade Federal de São João del-Rei/MG (UFSJ)	3	36 (0,53%)
Universidade Federal do Espírito Santo/ES (UFES)	3	36 (0,53%)
TOTAL	567	100%

QUADRO 4 – Origem autoral (IES) dos autores das edições da Folkcom de 1998 a 2012

Fonte: Centro Folkcom de Pesquisas (CFP/UEPG), 2013.

Ao identificar a origem institucional – seja como estudante de graduação ou pós, professor ou pesquisador – o levantamento destaca a presença de algumas universidades, onde já se conhece o desenvolvimento de estudos voltados à Folkcomunicação, em alguns casos, com mais ênfase a partir do final dos anos 1990, quando surge a Rede e a Conferência (1998) e, alguns anos depois (em 2003), a Revista Internacional de Folkcomunicação. Vale, contudo, ponderar que alguns raros estudos foram realizados em momentos anteriores, inclusive contemporâneos ao próprio fundador da Folkcomunicação (Luiz Beltrão, que morreu em 1986), ainda que fossem poucos em nível nacional.

Nos registros das 15 edições da Conferência Brasileira de Folkcomunicação a instituição que contou com um maior de trabalhos apresentados foi a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com 61 produções (equivalente a 10% do total), seguido pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com 8% dos trabalhos, Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com 6%, seguido pela Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), ambas com 5% das apresentações. Na faixa de 5% equivale dizer que, em cada edição da Conferência, a respectiva IES contou com cerca de dois trabalhos apresentados.

Neste aspecto, a presença de autores provenientes da UMESP tem uma explicação simples, aliás, já conhecida na área em nível nacional. A relação do professor José Marques de Melo com a referida IES, de forma mais orgânica, a partir de meados dos anos 1990, incentiva a realização de estudos em nível de pós-graduação (mestrado ou doutorado), impulsionando a formação de pesquisadores com vínculo ou interesses pautados por temas ou perspectivas folkcomunicacionais.

No mapa das institucionais, em tese, mais presentes nas conferências temáticas, existem ainda outras variáveis a ponderar, tais como a entidade ou universidade que sediou uma ou mais Conferência no respectivo período, o que em geral tende a impulsionar a presença de autores sediados na respectiva IES, seja pela facilidade que dispensa custos de logística presencial (viagem, diárias e afins) ou também pela motivação do grupo de pesquisadores que, ao assumir a gestão de sediar um evento, já parte da existência prévia de alguns estudos ou grupos que trabalham ou ao menos dialogam com a perspectiva teórica da Folkcomunicação. Este é um dos aspectos que justifica a presença da UFJF entre as IES que mais registra trabalhos apresentados na Conferência. No caso da UEPG, entretanto, constata-se, ainda, o fato de que, desde 2004, o grupo de docentes/estudantes da IES assume a edição da Revista Internacional de Folkcomunicação e, ao mesmo tempo, em 2007, a universidade também sediou a X Conferência da Rede. Em relação à UFPB e UFRPE é oportuno considerar que, desde o surgimento da Rede e, em alguns casos, antes mesmo, tais instituições contam com pesquisadores que atuam organicamente na área, inclusive com produções bibliográficas frequentes, além de manter estudos em torno da Folkcom.

Nota-se ainda que o levantamento das instituições de origem dos autores reforça o dado geral da pesquisa referente à localização geográfica. As primeiras cinco instituições em número de trabalhos (UMESP, UFJF, UFPB, UFRPE e UEPG) concentram mais de 37% de todos os artigos apresentados nas conferências nacionais.

No que diz respeito à identificação autoral pelo vínculo institucional vale destacar ainda que, nos 15 anos de registro, confirma-se a presença de professores, estudantes ou pesquisadores com trabalhos realizados em 124 universidades, a grande maioria localizadas no País, espalhadas pelas seis as regiões geográficas e praticamente todos os estados do Brasil.

Considerações finais: a internacionalização como meta

O que chama atenção nos dados do levantamento, principalmente no aspecto da identificação autoral por geografia e instituição dos autores com apresentações de trabalho nas conferências da Rede, mesmo 16 anos após a realização da primeira edição do evento, é a indicação da restrita presença de pesquisadores de fora do Brasil. As hipóteses, obviamente, ajudam a compreender as limitações da propagação da perspectiva beltraniana, mas talvez apontam ainda para um repensar de estratégias operacionais, visando ampliar a divulgação da Folkcomunicação.

Como se vê, do total de 540 trabalhos, apenas nove, o equivalente a 1,63% das apresentações, registram a presença de autores não brasileiros. Considere-se, no entanto, que inúmeras edições da Folkcom registraram a participação de pesquisadores de outros países, mas na maioria das vezes como convidados (painelistas, debatedores ou conferencistas) e poucas vezes com apresentação de trabalhos no evento. Situação que mantém a internacionalização da Folkcom como uma meta ser atingida e consolidada. Um desafio, sem dúvida, que precisa ser considerado pelo grupo editorial e também da Rede Folkcom, dentre as já inúmeras outras tarefas presentes no atual cenário dos estudos do campo.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001.

GADINI, Sérgio Luiz; CALIXTO, Adrielle da Costa. Breve cartografia dos estudos em Folkcomunicação: um retrato temático e editorial da Revista Internacional de Folkcomunicação. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, ano 31, n. 53, p. 215-231, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/.../1931>>. Acesso em: 4 abr. 2012.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Noções básicas de folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

GOBBI, Maria Cristina. Uma vida dedicada à Comunicação. In: RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação**: a mídia dos excluídos. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007. (Cadernos da Comunicação. Estudos; v. 17). p. 11-20.

xxx; xxx. Quais são as obras referências em Folkcomunicação? Panorama bibliográfico da produção científica da Conferência Brasileira de Folkcomunicação (1998-2011). In: SEMINÁRIO DE INVERNO DE ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO, 15., 2012, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Agência de Jornalismo UEPG, 2012, 1 CD-ROM.

_____. Quais são os autores e temas dos estudos folkcomunicacionais? Retrato da produção científica, a partir das Conferências da rede. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, São Bernardo do Campo, ano 16, n. 16, p. 89-105, jan./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/4716/4103>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

_____. Retrato da Folkcomunicação no Brasil: análise temática das produções apresentadas em 15 anos da Conferência Brasileira de Folkcomunicação. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 159-184, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3647/4209>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

MARQUES DE MELO, José. Uma estratégia das classes subalternas. In: RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação**: a mídia dos excluídos. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007. (Cadernos da Comunicação. Estudos; v. 17). p. 48-54.